

# **A Epígrafe e suas epígrafes**

**Matheus de Paula Silva  
Pedro José de Carvalho**

Matheus de Paula Silva  
Pedro José de Carvalho

*O passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção. Não nos afaga, pois, levemente um sopro de ar que envolveu os que nos precederam? Não ressoa nas vozes que damos ouvido um eco das que estão, agora, caladas? [...] Se assim é, um encontro secreto está então marcado entre as gerações passadas e a nossa.<sup>1</sup>*

Em algum momento de 2019, nossa Comissão Editorial brincou internamente com o fato de a Revista Epígrafe não ter uma epígrafe. Em evento realizado em novembro, o nosso convidado Prof. Dr. Elias Tomé Saliba, de forma acertada, começou sua fala justamente com uma epígrafe, que àquela altura foi uma citação do filósofo alemão Walter Benjamin: “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”<sup>2</sup>

Agora, aproveitando o lançamento de nossa oitava edição, gostaríamos de fazer uma breve reflexão a partir da epígrafe que abre esse texto, que, não coincidentemente<sup>3</sup>, também remete a Benjamin. Ali, em trecho retirado de sua segunda tese sobre a história, o autor nos convida a um novo olhar para o passado. Para ele, deve haver uma redenção das vítimas históricas do passado por meio da rememoração, que pode de dar por meio, sim, da emancipação dos oprimidos, mas, também, por meio da pesquisa histórica<sup>4</sup>. Em caminho parecido, Horkheimer nos diz

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter *apud* LOWY, Michel. Walter Benjamin : aviso de incêndio. São Paulo : Boitempo, 2005, p. 48.

<sup>2</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012, pg. 38-39.

<sup>3</sup> Também, de forma não coincidente, a capa desta edição referencia indiretamente Benjamin, por meio de uma versão moderna do anjo da história, de Paul Klee, mais uma vez muito bem produzida por Vinícius Veneziani de Souza Oliveira, nosso ilustrador.

<sup>4</sup> LOWY, Michel. *Op. Cit.*, p. 49.

o que aconteceu aos seres humanos que morreram, nenhum futuro pode reparar. Jamais serão chamados para se tornarem felizes para sempre. [...] No meio dessa imensa diferença, somente a consciência humana pode se tornar o altar onde a injustiça sofrida pode ser abolida/ultrapassada.<sup>5</sup>

A nós, historiadores, aquilo que Hokheimer de *consciência humana* poderia ser revertido em *consciência histórica*. Aquilo que Sara Albieri chamou de

uma visão teórica que, que reconhece na condição humana um pressuposto histórico: pensamos e falamos historicamente, e esse é o meio pelo qual nos posicionamos na cultura. Assim identificamos o mundo ao nosso redor, assim construímos nossa identidade: sempre com a consciência do tempo, sempre elaborando algum tipo de narração que envolve o passado e remete ao futuro<sup>6</sup>

A partir dessas questões, nos inquietamos sobre de qual forma podemos redimir as vozes do passado por meio da escrita da história e atingir, por meio disso, uma consciência histórica ampla e irrestrita. Em busca de respostas, entendemos que a História Oral e a História Pública poderiam ser caminhos a seguir, daí que escolhemos para as entrevistas da edição justamente especialistas nessas áreas.

Quanto ao primeiro tema, convidamos o Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, professor aposentado do Departamento de História da Universidade de São Paulo, para a nossa já clássica entrevista de trajetória. Ele, um dos grandes nomes da História Oral no Brasil, com sua extrema simpatia nos brindou com sua história pessoal, sua trajetória acadêmica e inquietações que o levaram a marcar a área.

Na busca de ser um fórum importante para estudantes de história, concebemos ainda uma nova seção para a revista, a entrevista temática, na qual

---

<sup>5</sup> HORKHEIMER, Max *apud* LOWY, Michel. Op. Cit., p. 49.

<sup>6</sup> ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, Juliene Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 27-28.

escolhemos como primeiro tema a História Pública. Para analisar o esse assunto, conversamos com o Prof. Dr. Ricardo Santhiago, da Universidade Federal de São Paulo, autor de diversos livros na área. Santhiago refletiu conosco sobre a origem dessa área e, mais propondo questões do que dando definições, nos faz pensar sobre qual história (pública) queremos.

Já entrando na edição propriamente, a Epígrafe chega ao seu oitavo número com uma edição menor em número de artigos, mas com uma ampla variedade de temas, períodos e perspectivas. A diversidade regional marca a origem acadêmica dos autores: Universidade Federal de Pernambuco, Universidade de Campinas, Universidade Federal de Campina Grande, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal de Ouro Preto, sem contar nossa casa, a Universidade de São Paulo. Essa descentralização mostra que a Epígrafe conseguiu consolidar-se com um importante meio de publicação de trabalhos de graduandos de todo país.

Pela primeira vez, publicamos uma tradução comentada, feita por Víctor Artuza no texto *O selo de Jade Imperial Taiping e o Reino do Filho Chinês de Deus*. A partir de um documento inédito em português, o autor comenta as relações do selo do título com a rebelião do líder religioso Hong Xiuquan contra o governo imperial chinês.

Em seguida, no artigo *O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad*, temos uma análise do romance de Joseph Conrad, o clássico *Coração da Trevas*, feita por Luisa P. Moratelli. Em uma análise detalhada, a autora trabalha as críticas do autor inglês ao imperialismo a partir do contexto da publicação da obra. Na mesma direção, mas utilizando as pinturas do oitocentos como fontes, Lívia Baranowski Tieri, no artigo *O declínio de Cam: A*

*representação científica da mulher negra na arte do oitocentos*, utiliza a história bíblica de Cam como metáfora da representação da mulher negra na pintura desse período.

Em um levantamento original e engajado sobre a História Ambiental, Éverton Alves Aragão faz um trabalhado de mão dupla no artigo *Nordeste: Escrevendo uma História Ambiental*. De um lado, mostra o potencial da região Nordeste como objeto da História Ambiental; e, de outro, apresenta a produção historiográfica desse campo do estudo sobre e no Nordeste. Ainda com o foco nessa região do país, o artigo *Valentes Flecheiros: atuação das tropas indígenas na capitania de Pernambuco entre 1660-1700*, de Wesley de Oliveira Silva, explora a atuação indígena na expansão do povoamento em direção ao interior durante o período colonial. O autor, utilizando-se de fontes primárias, explora a complexa relação entre a coroa portuguesa e os povos indígenas no século XVIII.

Com uma pesquisa igualmente baseada em arquivo, no caso um inventário do patrimônio histórico da cidade de Campinas, Lucas Henrique Gregate propõe o conceito de *não-patrimônio* para projetos de tombamento arquivados. Esse é somente um dos aspectos do artigo *Retórica do Arquivamento: patrimonialização, memória e esquecimento nos tombamentos do Centro Histórico Expandido de Campinas – SP* que, tal como indica o subtítulo, reflete também sobre profundas e complexas categorias históricas. Ainda temos o artigo *Religião e Esporte Midiatizado: o caso de Atletas de Cristo (1994-2005)*, um estudo original e perspicaz, no qual João Guilherme Züge trabalha com um elemento onipresente da sociedade: a mídia. Ele busca mostrar como essa instância contribuiu e moldou a identidade de um grupo, através da análise do jornal publicado pela associação de Atletas Cristãos.

Ainda tratando da história contemporânea, como os dois últimos textos, o

artigo *Reflexões sobre a presença do Movimento Negro no Brasil contemporâneo (1970-2000) em livros didáticos (2008, 2011 e 2014): a causa estadunidense enquanto comparação* de Vitor Emanuel Maia Ferreira mergulha numa fonte profícua àqueles interessados na história da educação no Brasil, mas igualmente na forma como a história do movimento negro brasileiro tem sido trazida para as escolas públicas.

Por fim, a edição conta ainda com uma resenha do livro de Alexandre Skirda *Os Anarquistas Russos, os Sovietes e a Revolução de 1917*, escrita por Davi Luiz Paulino. A análise é centrada em um aspecto específico da obra: a luta pela memória na Revolução Russa e Ucraniana e qual o lugar que os anarquistas ocupam nela.

Comentando nossas atividades extra editoriais, com um projeto editorial bem estabelecido e conhecido em todo o país, pensamos que era um bom momento para tentar expandir nossas atividades, sobretudo no que tange alcance para fora da universidade. Desse modo, criamos dois novos canais de comunicação, o Instagram e o Twitter, com um projeto semanal de publicações sobre a revista ou assuntos afins.

No segundo semestre de 2019, a Revista Epígrafe participou da *II Semana de Ofícios do Historiador: extensão e divulgação em História*, organizada pela Centro Acadêmico da História - Luiz Eduardo Merlino. Na mesa “História em periódicos: entre a academia e a divulgação”, compartilhamos os desafios enfrentados por uma revista de graduação e quais foram nossas ideias para aumentar nosso público leitor, dentro e fora da academia. Também fizeram parte da mesa o professor Júlio Pimentel, da Revista de História, e estudante André Nogueira, da Revista Aventuras na História. Foi um momento importante para a troca de experiência e para realização de um balanço da atuação da Epígrafe até o momento.

Organizamos mais uma edição do nosso clássico *Seminário Permanente: Caminhos da Pesquisa*, tendo como convidado o já citado Prof. Dr. Elias Tomé Saliba, um dos titulares da cadeira de Teoria da História. Em uma sala lotada do Departamento, o professor, em uma prosa formidável e bem-humorada, lembrou a sua rica e variada trajetória até o seu atual campo de pesquisa: a história do humor.

Nossas atividades podem não parecer muito na perspectiva daqueles que nos leem, mas na de “quem faz acontecer” chegar a oito edições em seis anos é uma enorme marca. É com ela, essa “marca”, que nós nos tornamos a revista de alunos de graduação com maior tempo de duração no Departamento de História da Universidade de São Paulo. Sem apoio financeiro e contando com pontuais apoios institucionais, isso só foi possível por conta do intenso trabalho de nossos membros, todos voluntários, que mantêm a seriedade, organização e compromisso que nos largaram as antigas gerações. Com esse espírito que ficamos felizes em receber cinco novos membros nesse semestre.

Finalizando, assim, esse breve editorial, retomamos nossa reflexão inicial. Vivemos novos tempos que exigem novas práticas por parte do historiador; novas formas de olhar para o passado e para nossos objetos, ainda que essas formas sejam recuperadas de velhos textos.

Boa leitura a todos e todas!

Janeiro de 2020